

KREUTZ, Lúcio. **Magistério e imigração alemã** — o professor paroquial católico teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no Movimento de Restauração. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985. tese (doutorado)

O que tem a ver o professor paroquial católico das comunidades de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul com a problemática atual do professor leigo no Brasil? Aparentemente, nada. Mas, assim como Lúcio Kreutz fez com relação ao professor comunitário sulista, também deveríamos entender melhor as funções que desempenha o professor leigo, de caráter "muito mais diversificado do que as meramente docentes e restritas à escola". Tem sido generalizada a persistência da expressão que qualifica como "leigo" o professor habilitado através de cursos formalmente reconhecidos pelo Estado e pela sociedade. Entretanto, a concepção desse professor, pela ênfase em sua deficiência técnica ou formal, envolve as suas vinculações de ordem política e social. Foi com este questionamento em mente que decidimos incluir a presente resenha no contexto da discussão sobre o professor leigo, menos pelo que o trabalho apresenta sobre a especificidade do professor leigo atual e mais pelas alternativas de análise e de aspectos que deveriam ser explorados.

O trabalho de Lúcio Kreutz foi elaborado como tese de doutoramento em educação, sob a orientação do professor Luiz Antônio Cunha. O objeto de estudo restringiu-se ao professor paroquial (Pharrschullehrer) ou professor da comunidade (Gemeindeschullehrer) em sua multiplicidade de funções enquanto agente educativo na escola e na comunidade. Procurou o autor entender por que os imigrantes católicos alemães davam tanta ênfase ao professor paroquial, já que "ler, escrever e contar" não era fundamental no contexto da vida agrária no final do século XIX e início deste. Para tanto, buscou as raízes histórico-culturais de tradição escolar no contexto da sociedade alemã e européia. Analisou o mo-

vimento da Igreja denominado Restauração Católica que se aliara às forças políticas européias contrárias ao avanço do liberalismo. Enfim, descobriu que, a partir de 1870, a Igreja Católica desenvolveu amplo projeto de restauração religiosa e política conservadora junto aos imigrantes e seus descendentes, através de uma rede de organizações religiosas, culturais e econômico-sociais. Nessa rede, o professor paroquial desempenhou uma função estratégica, seja para a formação, seja para a animação religiosa e cultural nas comunidades rurais.

Em primeiro lugar, o autor descreve a convergência ideológica dos movimentos conservadores no plano religioso e político. Os imigrantes católicos alemães, havia vários séculos, eram minoria face aos protestantes na sua terra de origem e tinham uma fraca e conflituosa relação com o poder civil. Por outro lado, o processo de colonização se deu com base na pequena propriedade agrícola que permitia a liberdade individual e familiar, além de garantir a sobrevivência. Essas condições eram consideradas apropriadas para o desenvolvimento do agricultor "ideal", "símbolo da frugalidade, moralidade, diligência e da estabilidade política". Tal concepção, trabalhada pelo romantismo conservador, "foi explorada pelas forças contra-revolucionárias que lutavam por uma ordem religiosa, monárquica e aristocrática sob o signo da propriedade individual. (...) O romantismo conservador propugnava pelos valores **orgânicos** e comunitários de uma sociedade hierarquicamente estável em oposição ao avanço dos valores mecânicos da sociedade industrial". Postulava também a prioridade dos valores religiosos da Igreja Católica tradicional que "seria a síntese perfeita entre monarquia, aristocracia e democracia".

O autor demonstra também como o movimento de Restauração Católica privilegiou as obras assistenciais, o ensino e o associativismo como os melhores meios para resistir ao avanço do "liberalismo". Exemplo disso é a atuação, ainda na Alemanha, e depois no Brasil, do episcopa-

do, do clero, do partido do centro, da associação dos professores e dos jesuítas. A região dos Hunsrueck, de onde procedia a maioria dos imigrantes católicos, caracterizava-se pela pequena propriedade, pela ideologia conservadora e pela longa tradição escolar comunitária sob influência religiosa, através do professor leigo católico que também exercia funções sociais e religiosas.

Esta bagagem histórico-cultural encontra terreno propício na especificidade da colonização rio-grandense que tinha como objetivo político-estratégico a garantia das fronteiras, estimulando a difusão da pequena propriedade. Situando-se mais ou menos à margem da economia e política brasileira, as colônias alemãs tiveram condições para desenvolver uma estrutura social, com base em núcleos rurais homogêneos. A exemplo das comunidades agrárias da região de Hunsrueck, os jesuítas estimularam "uma ampla rede de organizações econômico-sociais, recreativas e culturais, postas sob a primazia do espiritual". No contexto dessas associações, o professor paroquial "era concebido como um agente de ligação e representação entre o clero e comunidades rurais". Por outro lado, também os imigrantes, face à sua tradição, entendiam que "cada núcleo rural precisaria, para seu desenvolvimento, de um professor paroquial", e o "acolhiam com casa, roça, benfeitorias", podendo vir a "dispensá-lo se não correspondesse às expectativas". As atividades básicas de ensinar a ler e escrever foram desempenhadas com bastante eficiência quando se compara os índices de analfabetismo da sociedade brasileira e dos núcleos dos colonos alemães, no período. Entretanto, a prática pedagógica era "muito rígida, a exemplo da tradição jesuítica e alemã, fazendo-se um chamado constante à força de vontade para a formação do caráter. (...) Foi uma concepção da educação expressa no **Ratio Studiorum** (1558) dos jesuítas, baseada em princípios rígidos de autoridade, disciplina e hierarquia e numa visão dualista do homem e do mundo. (...) O professor, como centro do ensino-aprendizagem, deveria dominar com segurança os conteúdos fundamentais".

No contexto do projeto de Restauração Católica, ênfase especial era dada à capacitação dos professores. Além do domínio da leitura, escrita e operações fundamentais, os professores deveriam receber formação relacionada à catequese. "Ao professor paroquial convinha uma postura prevalentemente normativa. O caminho já estava posta e era conhecido. O objetivo final a ser atingido também, sendo que a ação educacional consistia em estimular o avanço para a perfeição e a vida em Deus. Considerado como o guardião desta ordem e destes valores, cabia ao professor paroquial assegurá-los não apenas pelo ensino, mas especialmente pelo seu exemplo de vida e por sua intermitente atuação no campo religioso e social. Daí a concepção do magistério e suas extensões do serviço religioso e social como uma vocação, uma missão, um sacerdócio."

A contribuição original do estudo, segundo o próprio autor, está na explicitação da articulação do fenômeno do professor paroquial entre os imigrantes alemães com um projeto de restauração católica regional no Rio Grande do Sul.

Entretanto, como ele próprio aponta, a pesquisa poderá também trazer contribuições para o entendimento do "renascimento contemporâneo, no Brasil, das **representações comunitárias**, novamente na esfera religiosa e político-social, incentivando-se comunidades eclesiais de base, erigindo-se governos **democráticos e comunitários**, formando-se uma mística do comunitário...".

Além disso, a pesquisa contribui para se buscar entender melhor as funções do professor leigo, cuja persistência deve estar ligada a relações que desenvolve no contexto em que está inserido. Ou seja, o trabalho de Lúcio Kreutz aponta para o fato de que, assim como o professor paroquial, também o professor leigo atual não retira sua especificidade de uma simples condição técnica e formal de possuir ou não formação **apropriada**.